

A painting depicting a close-up of a lamb's head in profile, looking towards the left. The lamb has thick, curly wool. A hand is visible on the right, gently touching the lamb's ear. On the left, another hand holds a dark, round object, possibly a piece of bread or a fruit, which is positioned near the lamb's mouth. The background is a light, textured surface, possibly a cloth or a wall. The overall style is soft and detailed, characteristic of classical or neoclassical painting.

ABOIO

Milena Martins Moura

# O CORDEIRO

e os pecados dividindo o pão



# Os livros digitais da Aboio são feitos para circular

Acreditamos que todos os leitores e apoiadores devem ter acesso ao conteúdo que publicamos. É assim há anos no **portal aboio.com.br** e não poderia ser diferente na editora.

Nossa missão é fortalecer o prazer da leitura em língua portuguesa e reunir pessoas que tenham o mesmo ideal que a gente. Por isso, fique à vontade para compartilhar o arquivo digital desse livro com outras pessoas que possam apreciá-lo<sup>1</sup>!

Em troca, pedimos apenas que você mencione a **Aboio** a quem receber uma cópia do arquivo digital e, quando possível, **adquira um exemplar físico do livro – seja no nosso site ou em livrarias parceiras e outras lojas virtuais.**

É que nem streaming: você pode ouvir quando quiser, mas o que paga a conta é o show (no caso, o livro físico). **Isso vale tanto para a editora quanto para a autora, que recebe direitos autorais por cada exemplar vendido.**

No final desse arquivo você encontra o nome de todo mundo que apoiou o nascimento do projeto. Se quiser ver teu nome no próximo, acompanha o nosso portal e segue a gente nas redes sociais!

Boa leitura e nunca esqueça: **o canto é conjunto.**

---

1. A autorização concedida é válida exclusivamente para o compartilhamento sem fins lucrativos entre pessoas físicas para uso privado. Todo e qualquer outro uso da obra, em especial o uso público e/ou comercial, depende de autorização do respectivo titular de direitos autorais. Em caso de dúvida, fique à vontade para entrar em contato através das redes sociais ou do e-mail [editora@aboio.com.br](mailto:editora@aboio.com.br).



o cordeiro e os pecados dividindo o pão

Milena Martins Moura



**ABOIO**

o cordeiro e os pecados dividindo o pão

Milena Martins Moura

evangelho segundo o pecador	13
ofício das chagas	14
TECHNICOLOR	16
‘Arīhā	17
cinturão	19
poema escrito sem critério, provavelmente ruim	21
omnem potestatem inimici	24
Paixão	25
da terra sob os peitos e outros castigos pelos feitos de eva	27
meu canto é uma lembrança embriagada	28
Πύθων	31
Fogo Familiar	32
Nachash	34
apenas um poema cuspidos antes da chuva	35
έρημος	37
a árvore nascida do corpo de eva	38
Telefunken 1984	40



Tenebrário	42
Muralha	45
antes que rompa o dia e fujam as sombras	47
μνήμη	49
o cordeiro e os pecados dividindo o pão	52
da culpa sob os dedos	54
ofício das mortes	56
espectro	59
o abate de adamastor	62
cassandra	63
dura-máter	65
cloto	67
erros de ícaro	70
Daniel	79
esse é um livro que se atira à fogueira	82
estátua de sal	83
fado da criação	85
héstia 87	



Priscila Branco  
*poeta e crítica literária*

Este é um livro corajoso e subversivo. Começo com tal afirmação pois o feito poético de Milena Martins Moura, em *O cordeiro e os pecados dividindo o pão*, apresenta-nos uma completa inversão da tradição judaico-cristã, instaurada em nossa sociedade por milênios. Portanto, ele nos oferece uma nova leitura do real: olhar o mundo não esperando o sacrifício dos fracos e dos oprimidos, mas dando o pão de volta às mãos de quem o produziu. Um novo vocabulário é introduzido ao leitor, em múltiplas línguas, e ele definitivamente gira em torno da defesa (mesmo que não declarada violentamente) de quem peca, do próprio pecado e do fim do abate.

O cordeiro, que deveria ser sacrificado para redimir o mundo ou alguém dos pecados, não só vive e come, mas divide o pão com eles - os profanadores. O pão, ambíguo nesse título, pode carregar o significado tanto de abundância, ou seja, de algo a ser recebido de forma positiva por quem deveria ser morto (o cordeiro) e banido (o pecado), quanto de algo pouco ou negativo (como o pão que o diabo amassou). Porém, em ambos os caminhos interpretativos, o cordeiro e os pecados ainda têm em suas mãos o poder de escolha: dividir o pão, seja ele representação de fartura ou de miséria. Há, já no título, um processo de subjetivação dos que antes eram considerados apenas objetos. Milena dá voz a algo que ninguém quer escutar.

Ao longo do livro, a poeta reescreve seu próprio mito bíblico invertido, como já anunciado no título. No poema “evangelho segundo o pecador”, além de afirmar a construção narrativa na voz de quem peca, surge a primeira referência à figura de Eva, muito diferente da representação bíblica, pois afirma: “estou nua e disso não me envergonho”.

Parece que estamos de frente a um mundo (histórico e milenar) ao avesso, pois a cultura cristã, não como referência de fé ou de religião, mas como uma tradição, fundou uma sociedade opressora. Aqui, por outro lado, a opressão é esmagada, e Eva é “serpente e desfrute” e vai “lambendo o caminho desviado”, dando atos de sujeito à primeira mulher que surge no mito milenar.

Não só o cordeiro, os pecados e Eva ganham tons de inversão e de subjetividades, como também os ritos e cânticos religiosos. Além de o próprio livro tomar para si uma nova narrativa “cantada” e poética, a simbologia da reza também é questionada: em “ofício das chagas”, a poeta não recita o famoso “Pai nosso”, e sim “não tenho uma alma a salvar/ do pecado meu de cada dia”.

Se tendemos a associar línguas antiquíssimas à escrita bíblica ou a reza de ritos religiosos, Milena pretende usar tais línguas para ressignificar palavras associadas a elementos ruins. Com alguns títulos de poemas em hebraico, latim ou grego, nos exigindo fazer pesquisa de leitura e repensar sobre a tradição, a poeta descostura essas antiguidades com a escrita dos poemas e com os próprios títulos que, se antes carregavam uma conotação negativa (como cobra ou serpente), agora se transformam em potência poética.

Nessa história contada de forma invertida, não poderia ficar de fora o erotismo, principalmente associado a uma agência feminina, afinal há, em muitos poemas, a confirmação de que lemos uma voz poética de mulher. No poema “cinturão”, esse feminino nos fala da “fraqueza da carne” e, com “as partes proibidas à mostra”, “faz calor” e ela “tem sede”. Os traços autobiográficos da autora Milena Martins Moura também invadem o papel em diversos momentos: no poema “da terra sob os peitos e outros castigos pelos feitos de eva”, o nome de Milena é invocado nos versos, afirmando-se como uma herdeira dos atos da primeira mulher – assim como Eva, todas nós “salivamos gêneses”, ou seja, somos o começo de tudo, somos a vitalidade que alimenta o mundo.

Ao mesmo tempo em que o mito invade este livro e vai tomando novas releituras a partir da subversão criada pela poeta desde seu próprio título, o cotidiano dos pecadores também é apresentado de volta à realidade crua, o que Milena costura com poemas fincados no contemporâneo caótico e turbulento em que nos encontramos. Mito invertido e real áspero se encontram e se chocam, e lemos poemas como “technicolor”, “apenas um poema cuspidos antes da chuva” ou “telefunken 1984”, em que assistimos à televisão às seis da tarde na memória da autora.

Em *O cordeiro e os pecados dividindo o pão*, o único milagre possível é o ato poético, como afirma Milena em “ofício das mortes”: “Eu estou escrevendo / Isso é um milagre”. No poema “paixão”, a “Paixão de Cristo” se torna a “Paixão da Escrita”, dando à escritura uma característica de subversão, como é este próprio livro: “há uma arte/ sacra em/ cravardentes/ unhas”.

Se ainda há alguma dúvida sobre o ato de subjetivização, realizado pela poeta, dos que foram milenarmente considerados objetos e sacrificados ao longo dos mitos bíblicos, considerados sujos ou desprezíveis, ela fecha esta obra nos dando a certeza de que precisávamos para terminar a reza:

o poema um cobertor molhado  
de frio e heroísmo fracassado

a vítima  
que era eu  
morreu

Não há vítima: há o feito de dividir. O próprio ato de escrita e, agora, de leitura deste livro é a luta contra o sacrifício. Que a poesia possa sempre dar voz ao cordeiro e aos pecados, e que todo leitor encontre um pedaço desse pão, mesmo que a coberta esteja molhada em dias frios.









me quero aberta em cálice e vinho e pão  
fenda rasgada de ritos

hábito deitado à fogueira  
onde abrasam as peles recém-expostas

a carne viva pulsa porque viva  
porque crua porque fera e primeira mulher  
serpente e desfrute

me quero imersa corpo inteiro no indevido  
lambendo o caminho desviado  
com a mesma língua  
dos cânticos

o sacro e o santo  
molhados da espera  
com a sede dos abstêmios  
e dos crédulos em desgraça

e eu graal sacrílego  
estou nua e disso não me envergonho

**ofício das chagas***Trilogia Ouropretana parte 1*

acordo da euforia para o escuro  
e tento a paz com as feridas do  
calvário

a paz não seca o meu sangue velho  
e venho assim conhecendo  
muito mais das minhas  
mortes  
do que a um vivo se  
deve dar a ver

acordo para o escuro  
estou sozinha  
e essas dores  
essas dores são só minhas

delas tenho me alimentado  
na falta de escolha de um feto  
e assim me deito  
em pose de feto  
e nelas mato a mim e à fome

todas as paredes mastigam  
a morte anunciada do meu corpo

ele vale pouco  
sei que está seco e sabe a derrotas  
mas nada mais tenho a dar

memórias  
contritas  
evocam no  
escuro cinco chagas  
o verbo o fruto o corpo o  
sangue e a  
paixão

não tenho uma alma a salvar  
do pecado meu de cada dia  
tenho apenas a mim e ao escuro  
e aos  
fantasmas que embalei  
adormecidos  
aguardando apenas pelas fomes do solstício

sou-lhes caça  
sou-lhes promessa de banquete  
mantida em vida a meia morte  
para que a carne do meu  
sacrifício  
tenha o gosto dos medos que me fizeram  
errar

com muita calma  
guardo  
a lança de longino

*Ouro Preto, maio de 2022*

## TECHNICOLOR

me faço inteira a cada dia com os restos das faces que não foram minhas mas dei a bater

e na falta de uma alma a salvar lambo o sal que extravasa da pele de todo erro

roço minha língua na língua do impudico dou-lhe de mim a beber e comer como o vinho e o pão

tenho apenas um corpo e nele habito só

nasci e hei de morrer sozinha no meu corpo

eremitas de nós mesmos somos todos solidão esticando os dedos à esperança do gozo

tenho apenas minhas mãos para tatear meu escuro

tenho apenas minha pele a vestir para o último baile

há sempre um prenúncio de solução  
que não cura

os escombros da chuva  
lacerando peles  
destruindo os telhados  
onde se aguardava com provisões o inverno

e esse silêncio de quem tem fome  
gestando  
soluções

há sempre um farnel  
com queijo e com vinho  
com dor e com solução  
para o tempo da seca

é preciso reforçar os escudos e as armaduras  
com o que mais houver de belo na fortaleza

enquanto houver sussurro  
não hão de deitar ao pó  
minha amurada

ainda não sei se sou forte  
só sei que existir é  
como uma dor

e dos espasmos  
e dos soluços  
dessa tortura  
eu tenho feito mistérios

que haja sempre a fogueira de anúncio  
para o tempo do risco  
e os metais  
para o festejo final

e assim  
vestidos de fogo e de ferro  
de força e de punho  
nada mais há de faltar  
para o inverno do tempo  
quando não cantarão nossos feitos  
ao redor do fogo

tenho uma dobra vermelha na pele do rosto  
como um corte

entranha

você viu

a marca vermelha da cama no meu corpo  
branco  
onde dói o sol

você viu  
os meus sinais em coleção  
imitando a pose ereta de óron

ombro em rigel pé em betelgeuse

as partes proibidas à mostra  
faz calor  
e eu tenho sede

todos os tabus desnudados  
constelações

e eu ariadne corpo celeste  
vindo jantar nos escombros

as pontas dos seus dedos mastigando os meus contornos

entranha

todos os lábios  
mordendo  
a fraqueza da carne



ainda mastigo aquela  
dureza de  
nervos  
tento desmistificar o dia frio em  
que voltei para  
casa  
com o corpo mais pesado para  
arrastar

atrás de mim uma sombra  
fria  
duplicando  
o meu corpo  
pesado para arrastar

chuva de vento olhando pela janela do ônibus  
molhando os pés na poça  
fria

dentro de mim faz frio

arrasto ainda aquele  
dia  
dobro  
sob o  
peso de sempre  
haver  
o mesmo

gosto  
que eu insisto por  
lamber

e mastigo e mastigo  
a dureza  
dos nervos dos olhos dos  
cancros  
de tentar  
encobrir o que frio

dentro de mim faz frio

sorrio e  
sorrio e lambo o bolo de dor atrás dos  
dentes  
com uma língua que não quer lembrar  
uma lágrima que não quer  
chorar  
o gosto  
daquele dia frio  
que sempre

quando voltei para casa  
mais difícil de arrastar de  
caber em  
mim nos  
corações que batem  
fracos no meu peito

onde nevou ontem à  
noite  
no centro do Rio de Janeiro

um sorriso manco  
com dentes demais  
com histórico de hipercorreções emblemáticas  
com vergonha das fotos velhas  
um riso ficando velho  
numa boca imemorial  
um riso

de dentes muitos  
dentes  
arreganhados na sombra  
tentando rasgar a  
dureza ou  
cuspir longe o  
estar em  
mim  
que sou inverno

**omnem potestatem inimici**

seu pelo escuro amarelecido pela luz da lâmpada  
em padrões de chamamento

eu olho e permaneço  
onde me quer a vontade

essa água funda não é de beber  
essa água funda não é de beber

é de afundar  
salivando

eu olho seu pelo escuro na penumbra  
com olhos verdes de siga

corta o jardim um córrego que serpenteia  
onde as bestas vêm dividir comigo a sede

essa água funda não é de benzer

há uma arte  
sacra em  
cravar dentes  
unhas

uma arte de estátua barroca altar  
banhado a ouro

comer com calma as  
migalhas sob  
as unhas

indizível canibalismo

mastigar o que sobra da  
carne  
nas pontas dos  
dedos

e com crudelíssimo requinte  
me abrir a gume  
a face oculta

sou corpo-carne em exultante adoração  
me oferecendo em sacrifício  
na nudez eucarística dos  
condenados

meus côncavos de treva  
e sangue  
eternamente na fome da luz

e no princípio era um  
verbo  
impenetrável

a paixão erguendo os cálices da sexta  
lavando com cuidado as mãos na  
fonte

metade fome metade  
saciada  
clamo  
ao céu  
desabitado  
dos deuses em silêncio

eis-me aqui  
imola para o banquete  
faz da Minha carne  
o Teu instrumento

milena esconda essas vergonhas  
limpe dos olhos dos pios a presença na casa

escórias  
o sujo

paredes molhadas  
de cheiro vivo

guarde no armário a presença na casa milena  
guarde nas gavetas  
debaixo das roupas proibidas  
que roçam na umidade

sobras à beira do canal  
dobras  
na ponta dos dedos

é suja a presença na casa

a terra sob os peitos qual serpente  
e outros castigos pelos feitos de eva

maçã vermelho-sangue salivando gêneses

**meu canto é uma lembrança embriagada**

esse não é um choro infante daqueles que se  
dão para o hoje se  
oferecem ao tempo  
ainda  
inerte e potente  
e inacabado porque não foi

um choro infante que  
se dá expiatório nos  
escombros nas  
quinas nos  
fios das  
horas

esse um choro idoso  
é velho como o meu peito  
que enrijeceu aos  
poucos  
como as minhas rugas de  
anciã  
precoce  
velha sábia muito velha para  
ser amada  
muito sábia  
para  
ser mulher



essa lágrima ancestral  
que desce porque  
existe o sussurro  
com ela jurei regar apenas o  
essencial  
que cresce à  
sombra  
para matar a  
fome  
que não  
se tem

com ela jurei regar o  
caldo requentado  
de quem há muito não sou  
um anjo uma pureza  
condenada uma  
pena um  
cadafalso o  
pecado de nascer

não jurei verter para os futuros  
o sumo amargo que cultivo  
seiva e  
sangue e  
mau presságio

esse choro eu enterrei menina  
na mentira de  
onde não  
nasce

nada  
porque nascer é à força  
e é  
real

com meus olhos centenários  
três décadas e  
meia de  
ocaso  
choram sozinhas  
nuas num  
quarto arruinado  
entre os  
escombros as  
quinas os  
fios das  
horas

que persistem nas mortes lentas

é com certa frequência  
pela manhã  
que eu me devoro

os cantos das unhas primeiro  
depois todo o montante de coisas bestiais que não deviam nascer

com certa frequência  
enquanto a luz cresce no muro com figuras inventadas  
me ponho ao espelho  
a vomitar torturas

nasci com o açoite das entranhas  
latejando entre a abominação  
e a pelagem proibida

os ossos duros e outras durezas  
como iminência  
e expectativa

devoro assim os cantos das unhas para limpá-las  
afiando a garra e os dentes  
como quem imola o cordeiro

treinando a mandíbula para que tenha força ao se fechar

é assim

em carne frágil  
que ora me habito

decepada sob os astros  
em contrição e penitência

trago numa trouxa restos gastos  
feito isca

sujos dos caminhos  
e da barbárie dos homens bons

do seu sumo sobrevivo um pouco além do fim do fogo  
e talvez por piedade

a morte  
em calma  
me mastigue

sob os astros

eu rasgo o grito sob os astros  
as paredes da garganta um mero entrave  
entre mim e o espanto

insisto em quase corpo e quase morte  
alvejada à queima-roupa pelo medo  
que põe demônios no escuro

debato as sobras sob os astros  
e me carrego entre os escombros  
do que fui eu

para que os vivos me saibam viva  
e eu não saia vencedora

o momento mais limpo é quando lambo as curvas dos teus dentes  
por dentro e por trás  
onde se guarda o rancor

arranco das frestas a culpa nas palmas e a memória dos castigos

o momento mais limpo  
é quando invado tua boca para lavá-la  
com as pontas da minha língua  
cheia de vontades que não se falam na igreja

a minha língua foi desenhada pelas eras  
apenas para o gosto das coisas curvas e quase líquidas  
que não se pintam nos quadros de santos

tenta nos teus dentes  
como trombeta e última sirene:

silêncio, é hora do risco!

estamos longe da primeira esfera  
que é pura e fria e não bebeu do sangue  
e por isso faz calor  
no proibido

é hora do risco!

o momento mais limpo é o das carnes que queimam

a minha boca guarda os lutos  
de muitas diásporas  
vermelhas  
dos pesadelos  
onde os dedos  
enlaçados  
perfuram o tórax  
a raiz dos cabelos afagada no frio  
caixa craniana artéria femoral  
e os ossos e os ossos

os lutos  
sangrando o fundo das  
gengivas  
adocicados de mentira e nocivos  
nocivos  
os lutos

a minha boca os guarda  
com gosto de água velha  
que não foi colhida  
para  
beber  
nunca das sedes saciada  
para  
benzer  
nunca das faltas expurgada

regurgitas  
a minha carne já sem sumo  
de passado de velhice  
corpo extremo  
ungido  
e proverbial

e existe luto em morte  
e existe luto em vida  
quem é vivo é sempre o morto  
de outro vivo  
morando entre os dentes  
debaixo da língua

um morto à espera  
de outra fome que lhe  
chupe  
o último sumo dos ossos



acabei de ser minha própria caravana de bichos pálidos passando sede  
acabei de ser a sede  
o sino da igreja às três da tarde quando é quente  
e uma brisa pouca e velha  
arrasta o cheiro dos soluços  
e entalha feições ao pé da boca  
para marcar as horas  
acabei de meter os pés no deserto tardio  
que se deita ao sol  
onde vêm os pássaros procurar em vão o de beber  
porque têm pés feitos para o fogo  
e eu que lhes sou grande e tenho mãos com poder de morte  
acabei de ser minha própria caravana de bichos pálidos passando sede  
com bocas abertas para o céu  
minha própria matilha de bustos de areia  
se debatendo pelo formato dos olhos  
pelo nariz de ossatura protuberante  
os lábios o de baixo maior herdado do pai  
rosto desenhado com ângulos  
orelhas desiguais  
tudo isso que é meu e precisa ser mantido longe da chuva  
para que não se desfaça  
e de mim sobre apenas um deserto  
que não sabe que tem sede

## a árvore nascida do corpo de eva

mantenho os dentes  
cerrados  
num não sorriso

e já não me parece impossível  
crer que estou aqui  
eterna

passados sujos por agasalho

[meu corpo raízes  
depostas na sombra  
onde só germinam os que sabem carpir

meu verso mais uma morte  
minha palavra mais uma súplica]

à luz que tenta entrar  
eu mostro os dentes  
mostro as arcadas  
preparadas  
para o bote

nesta eternidade  
eu repouso  
silente e frutífera  
ao abrigo do frio

aquecida no fogo  
da sombra

primeira centelha do grito

e todos os silêncios se batendo  
nas paredes  
e os não engolidos  
com pão e vinho  
se servem de bandeja no banquete  
da sombra

onde só comem os que sabem carpir

são seis da tarde e o mundo  
já morreu pela boca

um ruído de anúncio  
sobrevoa o jantar

[um copo está prestes a cair]

o sorriso amarelo nos dentes do tempo  
que nos quer velhos e nos quer mortos  
e emudecidos

sobrevoa o jantar

e quem embala os velhos  
dos mortos  
é o silêncio  
à mesa

[vai-se quebrar um copo à meia-noite]

são seis da tarde  
e na tevê da minha infância  
todos os jantares  
eram servidos  
com o corpo e com o sangue

os corpos e os sangues  
e os álbuns de família  
e os vestidos manchados sem uso  
cabeça de boneca degolada  
degolas cordeiros imolas  
ocultados num saco preto

todos os lutos para lá dos espelhos  
cascateando na tormenta  
e santa bárbara são jerônimo  
não viriam acudir

[mais um copo vai cair]

os dentes amarelos do tempo  
pairam sobre a mesa posta  
    onde os mortos e os quase vivos  
    se predam  
e mastigam a todos com força  
para que sirvam de exemplo

[viver é dar-se em oferta a um deus faminto]

e quem corre não o faz para salvar-se  
mas para postergar  
o sacrifício

os dias aqui têm  
plantas nos muros  
paredes choradas com grito e  
passado  
eu fumo meu erro à janela  
a chuva lambe os telhados  
uma língua abstêmia  
saliva  
o peito de um  
cristo aleijado  
a chuva  
percorre  
as dores nos meus pés  
abre sorrisos em muitos calvários  
hoje eu morri numa força  
e a chuva lambe os telhados  
um cachorro abandonado  
lambe minhas migalhas de amor  
a matrona lambe versículos extirpados de gozo  
um carro dá passagem  
subserviente  
na esquina do meu sobrado  
e eu sopro forte  
o meu erro  
para que aqui não invada  
o mistério  
e eu deixe aqui o mistério

grudado nos estofados  
a chuva  
é benigna  
lava as ruas do medo  
e em quase agonia  
chupa o sal dos telhados  
transforma em estátua o ímpio  
e exila nas minas o bom  
deixa as filhas e o vinho e nega a ternura e o pão  
um deus afogando seus erros  
lambendo os telhados

aqui as janelas se abrem  
apenas às mortes velhas  
para o meu grito se fecham  
um paço tropeça no escuro  
e a chuva  
ainda  
lambe os telhados  
aqui tem um cristo banhado  
em seu sangue  
e o sangue desses cristos correm braços  
os cristos daqui se partiram nos séculos  
em lágrima e ouro em rocha e sobrado  
eu sou de tão longe e  
acima dos vivos  
eu fumo um cigarro e repito  
uma prece  
que é minha só minha é impura e é mentira  
eu vi muitas mortes eu vi muitas sortes  
de costas curvadas eu subo e

me engasgo  
e a chuva  
a chuva  
vem fechando as ruas  
vem matando os fracos  
vem carpindo os cabelos dos santos  
os bigodes chineses do mártir  
acima dos vivos eu  
sopro os meus medos  
choro o prazer dos meus pecados  
e a chuva  
do alto  
afoga os fracos imola os cordeiros  
alaga as minas derruba as torres  
derrete o ouro e o dá aos que têm fome  
como manda a escritura  
a chuva  
é benigna  
só chora e não julga  
não acolhe o ferido o faminto e o cão  
e não se culpa porque não é sua a culpa  
sabe apenas lavar o chão  
e o corpo  
as almas são muito nossas para o seu batismo

*Ouro Preto, maio de 2022*



tem uma ruga para além do muro  
e é uma memória  
fértil  
a que cultivo nos meus  
olhos

porque estou em  
pedaços  
desde a primeira  
centelha da  
criação  
eu vejo o muro  
erigido de ódio e de cal  
entre mim e o que não foi

porque estou em pedaços  
desde o primeiro  
lábio rachado  
de amores  
eu vejo as sombras  
se movendo  
no mesmo passo dos  
sonhos inúteis

e nos meus olhos pesa o que eu não merecia

o vinho para aplacar a  
sede dos ódios

a lágrima  
cuspida  
com sangue e com  
cal

uma mortalha lindamente bordada  
pelos amores que  
sufocam  
me aguarda paciente  
do outro lado do muro

meu corpo uma morte lenta  
para aplacar a fome dos  
ódios  
que esperam  
pacientes  
do outro lado do muro

e nos meus ombros pesa o que eu não merecia

todas as noites  
com o advento das respostas que se descobrem em atraso  
o sopro quente do tempo  
me esquenta a nuca

junto com os feitos que não deviam ter sido  
e os maus presságios  
que não passaram  
de covardia mitificada

todas as noites  
a língua do tempo  
me lambe o lóbulo da orelha

a direita  
quando me deito para a janela  
temendo as luzes rápidas no teto

a esquerda  
quando me deito para o espelho  
e não temo senão a mim

todas as noites  
as mãos do tempo  
correm nos meus peitos

estão secos e caídos para o lado  
como um banquete deixado a apodrecer  
pela falta da fome nas bocas

todas as noites o tempo enfia em minha boca a sua língua  
antes que eu consiga recusar

balança a língua  
atrás dos meus dentes  
onde moram os choros engolidos  
e as palavras perigosas

e no fundo da minha garganta  
sente o ácido  
do meu medo de morrer  
misturado à amargura de estar viva

o tempo se esfrega  
nas partes minhas  
que são só minhas para esfregar  
todas as noites  
e a mim mantém desperta  
para que não me esqueça  
que todas as noites são noites a menos

todas as manhãs encontro em mim os restos do tempo

são dez são nove são  
cinco e quinze da  
manhã

é escuro

e talvez deus esteja  
afogando seus erros e  
talvez os ossos dos mortos  
alimentem o fogo dos vivos  
mas não posso saber  
no escuro

é aqui onde me deito  
em sangue e  
mistério  
os sorrisos partidos na  
queda nos  
soluços nos  
quases no  
caos e na cólera e  
no impuro  
do corpo que é meu único  
lugar

é aqui onde me deito e

deito meus olhos  
de água e  
sal  
meus olhos sempre em  
riste e  
afiados e com fome

é escuro e estou sozinha no meu corpo

estou crua e feita de hojes  
estou coberta das minhas  
mortes  
esfriando pele e pelos nos  
passados de  
mim que  
devorei

soterrada das  
sobras das  
minhas mortes das  
minhas fomes

é escuro e  
talvez os ódios estejam se  
apinhando nos batentes  
vestindo almas em  
eterna danação e  
implorando em  
línguas  
ancestrais  
pela mentira da  
pureza

é escuro e estou sozinha no meu corpo

mastigando devagar todas  
as faces que  
à revelia  
me couberam  
e não foram minhas  
mas dei a bater

mastigando devagar  
cada migalha de  
guerra e de  
trégua cada  
memória feroz  
as asas retalhadas pelos  
espinhos de amores  
muito grandes  
para serem  
bons

é escuro e os meus olhos  
sempre foram  
muito fracos  
minhas mãos muito  
inábeis

eu rastejo

e com o corpo que é só meu  
reconheço as escarpas  
do caminho

**o cordeiro e os pecados dividindo o pão**

abro os olhos para o milagre  
todos os dias  
às cinco e cinquenta

assim, bem cedo,  
ainda no escuro,  
admiro a resistência das pulsões mantenedoras  
cumprindo seu ofício de manter

estou aqui

de olhos abertos e quase secos  
feito criatura morta curtindo ao sol

estou aqui  
testemunhando o início  
de mais um sopro de vida ameaçado

porém de pé e ainda inteira  
e ainda atenta

ouvidos fixados nas trombetas de anúncio

nos choros soluçados  
entre os rasgos  
da muralha

sendo viva e apenas à espera



as águas se forçando nos tijolos  
para tomar de volta o que foi seu

e eu pedra  
    fingindo a firmeza  
    das ruínas

o sangue das imolas pingando dos batentes

    e eu ainda inteira

no alívio condenável dos caçulas  
vendo o roçar das asas  
nas testas dos primogênitos

**da culpa sob os dedos**

toda palavra é muito pouca para enristecer os meus dedos  
e os meus braços descamados pelo fogo  
    e as costas curvas  
    que abaularam os anos  
para meter os olhos no conforto alheio

é muito pouca a palavra culpa  
arrastando pesos  
    fósseis  
que não estão no dicionário

a palavra voz imagino como uma bola de cores em dor  
e calafrios nos ossos

estico os dedos e as culpas  
e toco as culpas  
    agora  
com as pontas dos dedos  
e medos nas frestas da porta

a palavra continua pontiaguda  
e difícil de descer sem miolo de pão

encontro nisso a beleza de um bicho faminto  
pairando sobre as águas  
    feito verbo

declarando  
nos dentes  
e nos ossos mastigados  
todo o amor  
da fome  
pela morte que a sacia

Eu estou respirando  
Isso é um milagre  
Milhões foram os anos no exílio  
Das águas  
Milhões as entranhas laceradas  
Na pulsão pura e mansa  
Do sugar

Eu estou caminhando  
Isso é um milagre  
Milhões foram os cortes nas palmas  
Os sangues nas unhas  
Os calos no silêncio  
Para erguer as costas no medo

Eu estou vendo  
Isso é um milagre  
Meus olhos foram forjados  
No erro  
No exílio das águas  
E com eles vejo o escuro  
Descer as montanhas  
Como represália

Milhões de exílios  
Se fizeram ver

Para que a luz  
Isso que só se sabe na sombra  
Chegasse até o de dentro mais fundo  
E escuro de mim

Eu estou jogando a minha voz ao vazio  
Isso é um milagre  
Milhões foram as vozes  
Para que a minha se fizesse ouvir  
E ela vai correndo  
E se raspando  
Nos cumes dos montes  
Cada vez mais muda  
Como todo grito forte  
De quem desiste

Eu grito ao escuro que chega  
E às estrelas que sobre ele se despem  
Como nascidas  
Dos mesmos mistérios dos vivos

Eu estou morrendo nas pontas finas do mundo  
Isso é um milagre  
Milhões as vidas necessárias  
Ao ato derradeiro de morrer

Deixo minha carne nos fios  
Das facas das farsas das verdades  
E aos poucos sou quase nada  
Como convém a quem não se cabe

Eu sou tão frágil nesse fogo breve  
De criatura apenas nascida  
Para ver finais  
Milhões os passos cada qual mais próximo  
Do nunca dado

Uma folha sobre a mesa  
Em branco  
E o negrume  
Engolindo os telhados

Eu estou escrevendo  
Isso é um milagre

*Ouro Preto, maio de 2022*

1.

meu deus meu deus  
o meu sorriso é falso  
e o meu delírio vem sangrando na janela

é quase noite deus  
e quase morte

e o meu delírio  
arrasta a boca na janela  
os dentes nos meus braços  
a testa nas paredes  
os rasgos nas cortinas

as fomes as fomes

o meu delírio é antes da tragédia  
e depois do fascínio

as vidas as vidas

meu deus meu deus  
estou sozinha no solstício  
que é o tempo da sombra  
se esfregando na janela

quando as culpas saem mais cedo do bolso  
e se tacam na fogueira em contrição

e eu meu deus  
estou sozinha com o delírio  
correndo as mãos nos rostos que foram meus

um espectro  
hesitando  
no parapeito  
da janela



nesse lugar morou uma lembrança que se sente  
morou  
um cheiro de bolo e avó morta  
pijama guardado em gaveta de madeira  
morou  
um fogo socando o peito desde o de dentro  
e uma mentira  
que ocupava o mesmo espaço  
dos sextantes e dos mapas  
nesse lugar  
[o das dores que enfurecem]  
onde um milhão de faltas  
se enfileiram  
onde as culpas são máximas e minhas  
morou  
a prece bamba e soluçada  
que não se faz senão por desespero  
meu deus meu deus  
confessai

sonhei o mar em tremor  
carregando o meu pólen

erodindo adamastor em liberdade

não sei nadar  
e por isso o mar é horror e convite  
não sei andar de bicicleta e por isso temo sempre os pés fora do chão

fui uma criança triste nas quinas do mundo  
existindo apenas nos cantos dos olhos que é onde fica o não visto  
como um silêncio que se esquece ao correr

e por isso o meu pólen  
que o mar levou  
era apenas mais uma  
sentença

guardo  
com as palmas rubras  
de roçar o fogo  
e o Verbo atado atrás dos dentes

o frio há de chegar  
com unhas roxas

e eu vou continuar roçando o fogo

antecipo despensa e veludo  
as cheias do nilo  
e a engorda das vacas

e eu vou continuar roçando o fogo

uma mulher que não se antecipa  
é o oposto de uma cassandra em vigília  
prevendo incêndios

por tudo isso eu sento aqui e raspo os dentes e os sentidos  
no fogo  
não me foi dado conhecer a frieza das madonas

por tudo isso eu antecipo o ferro  
e forjo no fogo  
as armaduras os escudos e as carniças

antecipo as alcunhas desonrosas  
e o disfarce colérico dos medos

uma mulher com uma palavra a cuspir é a sarça no deserto  
destilando pestes

uma mulher não se consome pelo fogo

eu precisava só de um pouco mais:

de tempo

para a palavra

de cuspe

para a ferida

de pimenta e de cominho

um pouco mais

de tempo

para aquecer a palavra

preparar a palavra em fogo brando

apenas com água e com sal

calma coragem tomilho

leva tempo

é preciso deixar que a palavra

crie fôlego

e então desossá-la

viva e crua e com a pressa das fomes longas

para servir a palavra

primeiro precisou haver centelha

e criatura humana

um ser que se fascina  
se acostuma  
e morre  
antes do prato principal

a palavra  
é uma dureza  
mastigada  
à exaustão

um pedaço sangrado  
que se engole  
em dor

a cada quase passo  
é que pressinto  
os segundos  
imóveis

os segundos de pernas limpas e muito fechadas

num sopro atrás da nuca  
sussurrando proibidos  
pressinto  
os segundos  
imóveis

de olhos baixos  
e sem perguntas

pressinto o fio dos tempos  
no de dentro das coxas  
que é mole e  
porque frágil  
torna toda dor acentuada

tudo que é frágil dói com a raiva  
dos acúmulos

as formigas sobre a pia  
carregam nas costas o almoço  
ignorantes de mim

que sou alfa e sou ômega  
potencial piedade e  
provável esmagamento

sou um filhote de deus frustrado  
porque a mim negaram um poder  
meu por direito  
e outro nome tem andado nas novenas das senhoras

os segundos  
imóveis  
esses apenas ameaçam

não fazem senão plantar sementes de vingança atrás dos olhos

um bibelô estilhaçado na parede do não pode  
um chute entre o não quero ignorado  
maçã como sobremesa

apenas ameaçam  
imóveis  
enquanto uma lágrima chupada qual espaguete  
salga palavras  
devoradas  
por medo

enquanto um punho muito fechado  
corta as palmas  
na força  
do medo



enquanto isso  
os fiéis deitam flores em altares outros  
sou nada além de um filhote de deus abandonado  
às passagens apócrifas

pietá de carne e sangue ainda quente  
faminta e abrasada  
com vergonhas à mostra  
um escândalo

as coroas as imolas  
os incensos ouro mirra  
foram dados para os mortos  
que não podem mais se defender

só enormes silêncios  
me enfeitam os pés

1.

eu parti daqui  
como partem os mortos  
mofando nas gavetas

como as rugas da tia que não estava dormindo  
e o meu irmão  
que virou sonho

eu parti  
como o canário aprisionado  
que não cantou numa manhã de 89  
porque estava ocupado agonizando

a minha gata que não foi morar num sítio  
e os meus 24 anos  
completados  
sobre o caixão de daniel

eu parti  
como sapatos perdidos  
de criança

uma boneca sem olhos no lixo  
mendigando história

como os mamilos

sob a minha blusa de escola  
ofendendo os olhos sensíveis  
dos justos

eu parti daqui  
de mim  
apenas sopro

uma voz de fábula  
assombrando  
os vivos

dizendo-lhes  
tautológica  
que estão vivos  
e isso não é digno de nota  
nem fanfarra

um recitativo atropelado  
antes da ária icônica de desespero

o resto é esse vazio nos membros  
dormentes demais  
para a última cena

eu tenho medo de avião  
tenho tanto  
tanto medo  
que o rio  
de janeiro a janeiro  
é tudo que eu sei

e eu sei  
também  
quão fácil é incorrer no clichê  
do enfrentamento

eu digo tenho medo de avião  
tenho medo  
medo mesmo  
e existo calma  
enquanto você  
se derrama em métodos

mas eu sou completa sem paris

existo calma  
nos janeiros todos  
de onde nunca neva

minhas paredes  
têm faces feitas apenas para os meus olhos  
e uma história de todas as coisas  
esvaziadas

aqui eu colho folhas  
com as mesmas mãos que moldam  
o fogo da casa  
para que queime apenas brando  
sob inventadas lembranças

eu faço de amarelo velho  
e abril  
desde o mar  
até os muros pelados

os cinemas que viraram igreja

a escola onde murchei muito cedo  
e aprendi o perigo das quinas

onde entendi que meus olhos eram fracos porque meus

o hospital onde morreu meu irmão não nascido  
que carpi forçando o riso

e uma linha de trem barulhenta  
que me acordava à noite  
para o silêncio calmo dos sons que não são meus

eu faço de amarelo velho  
como nos filmes  
onde se precisa pintar a cara do passado  
madureira ao meio-dia nas férias e a telefunken 1984 que já estava ali  
quando eu nasci

o velho  
a quem não dei comida  
debaixo do negrão de lima  
numa saída da aula

e o ano de 99  
quando conheci que tinha um corpo

tudo isso foi meu  
a poucos quilômetros  
de onde me deito hoje  
[com um sopro frágil queimando o soluço]  
e durmo

e sonho com as asas inábeis dos pássaros suicidas

aqui está o meu rasgo alinhavado  
e todos os sopros ocultados sob os panos

também o dia interminável dos filmes  
em que o passado  
não é sentença

a vista sem pressa  
da janela mais alta  
do prédio  
mais alto  
está aqui  
aberta aos olhos  
e às vontades que não se cumprem

também o grito sob a costura dos lábios  
esquecido da aspereza crua com que sabia se forçar presente

aninhado no medo com que se encolhem  
as criaturas dóceis  
diante de horrores

estão aqui  
meus olhos de botão presos abertos à cara  
para que eu não durma no escuro

a pulsão de permanência e revide  
que como toda força motriz evolutiva  
é também um pouco burra

o tempo é de fuga mas os pés estão atados

e eu

eu também estou aqui

sob os silêncios

criatura feral domada no choque



é a imagem desse cavalo  
desenhado com os olhos nos defeitos da parede

ele desce em disparada  
com a crina em chamas  
apenas pelo desafio de evitar a queda

para que nasça um cavalo como esse  
é preciso vento  
e linhas imprecisas na pintura

texturas amarrotadas  
e força nos membros

um cavalo em disparada  
não é qualquer cavalo  
é aquele que não se pode montar em criança no sítio

à criança em seu corpo pequeno  
é permitido apenas sentar-se à parede e imaginar o cavalo  
e as labaredas lambendo o vento

a corrida de um cavalo como esse  
a mãe não permite  
perna ralada em menina é feio milena  
senta vê desenho milena

uma criança que cresce limpa  
não conhece o vento

como o conhece o cavalo

e não se lembra senão do grito  
que era um cavalo descendo em disparada  
com a crina em chamas  
porque o pintor de paredes errou

uma criança que cresce limpa e sem ranhuras  
tem um vento sofrendo nos peitos  
daqueles que derrubam prédios  
quando correm

e abrasam os tabus que deus castiga

como herança recebi olhos com defeito  
de um verde-escuro encardido  
amarelado no meio

recebi também um álbum de fotografias  
com rostos de mulheres sem nome  
que reconheço ao espelho

cada qual com sua nódoa de mofo a lamber

herdei dentes grandes e um candelabro de louça  
e um jogo de prantos que foi da minha avó

o menino jesus de praga ficou com minha mãe

e a madama de porcelana  
passeando o cachorro de porcelana  
na vitrola em 89  
foi dada a uma madama  
não dada a passeios nem cães

herdei pintas marrons  
e predisposição a câncer de pele  
bulhas cardíacas desiguais  
e baixa estatura

e aquela pasta de couro que tinha cheiro de gaveta fechada  
onde ficavam os poemas dele que eram só meus

herdei também uma orelha mais alta que a outra  
pelo que meus óculos andam sempre tortos

e a vontade de escrever isso em versos

o azul perdido dos olhos do morto  
domina soberano as quinas dos móveis  
e os soslaios de desprezo  
dos parentes com dinheiro

está nos tios que exibem orgulhosos  
as conquistas aumentadas  
dos filhos que criaram

o rosto do morto está no relógio de ouro  
dado ao meu pai  
que entrou na família por casamento

e nos cantos caídos dos lábios da minha mãe  
que entrou na família  
porque nascer é sempre à força

no meu nariz  
as sardas do morto se camuflam  
como palavra esquecida pouco antes de lembrada  
daquelas que é preciso estar buscando

e sua voz  
que julguei impercível  
veio sumindo como se chorasse

o morto tinha nome de anjo sussurrado em prece aflita  
e ignorada

o silêncio onipresente  
dos deuses  
por quem ninguém mais  
quer morrer

esse é um livro que se atira à fogueira

é sobre mim

é sobre os peitos desiguais que entrego aos dentes

é também sobre o hábito de usar a língua para indicar o desejo dos lábios

sobre o cálice

e sobre os olhos e sobre os dedos

a quem o escolho dar

a boca que implora como fim em si mesmos o leite e o mel

terra prometida aos ímpios

como paga pela fome desmedida

e aos desgraçados que não cumprem sua parte após a graça

é sobre todo gozo e toda glória

toda entrega e toda danação

é sobre mim

que debruça a sua urgência

deito marcada com a  
chaga dos  
abismos

minha carne a morte  
oferecida à  
fome primeva  
de um resto  
de deus

o céu está vazio o  
magma está  
frio só  
me sobrou  
a terra sob  
meus peitos de  
lágrima

de costas  
curvas  
eu deito  
sob o peso de  
existir cordeiro  
com  
dentes de  
algoz

meu corpo  
templo sem  
rito  
e sem  
féis  
se recusa a  
limpar dos  
sapatos a  
poeira antiga  
dos ídolos a  
ruir



apenas dois  
olhos  
fracos  
se interpõem  
entre mim e o  
escuro

e eu que  
nunca  
fui  
muito forte  
existo novembro e  
flores mortas  
pintada do  
sangue  
dos  
flamboyants

tenho dois olhos  
cor de tempestade  
e  
um cansaço  
ancestral  
nos ossos  
do não  
dito

e tenho também  
aquele grito

que nunca será voz  
e aprisionado  
não sabe senão  
chover

jogo-me ao incêndio  
como se debruçasse  
esticando as costas e os braços  
no ato claro  
de não achar

como se a escolha fosse mais minha que do incêndio

jogo-me com o medo brando  
dos não fortes  
e um calor de prenúncio nas pontas dedos

ao vazio inteiro  
e seco  
com que se mostra o incêndio  
jogo-me  
e cato uns restos que não cabem

uns restos assim machucados  
cortados sem cuidado com as mãos  
como o pão que se dá aos pombos

duro demais para os saciados

jogo-me como se pulasse  
do meu quarto alto de criança  
e não morresse na hora

ficasse um pouco mais para um café

face a face com o incêndio  
debato quatro membros muito fracos  
para o encargo grande  
de correr

as chamas todas altas e acesas  
amarelas e urgentes  
lambendo à força

e eu completamente derrotada  
saio do incêndio  
de mãos vazias

o poema um cobertor molhado  
de frio e heroísmo fracassado

a vítima  
que era eu  
morreu











Paula Glenadel

*Professora titular da UFF*

“Eu estou escrevendo/ Isso é um milagre”, escreve Milena Martins Moura em seu mais recente livro, *O cordeiro e os pecados dividindo o pão*. O poema em que se encontra esse verso, “ofício das mortes – *Trilogia Ouropeana parte 3*”, se constrói como uma espécie de “litania” autobiográfica e transgressora, onde quem diz *eu* no poema vê a si mesma com olhos espantados por desafiar tantas improbabilidades e mede o caminho percorrido em sua existência até esse momento de apresentação ao leitor que é encenado no poema.

O título do novo livro é um verso do livro anterior, *A orquestra dos inocentes condenados*, de 2021, que se desdobra e amplia um pensamento-experiência dilacerante da culpa e da inocência, em cujo âmbito surge o desejo de sentido. Assim por exemplo, um poema como “escrever de caneta azul...” da *Orquestra* se instala em outro universo, comunicante, porém, com o “ofício das mortes” do *Cordeiro*. Pois ambos os poemas falam do medo e, apesar dele, da escrita; ambos mostram que refletir sobre o que é escrever não apaga “manchas”, “excessos” e “arrepentimentos” e que “Uma folha sobre a mesa/ Em branco/ E o negrume/ Engolindo os telhados” é uma imagem densa e simples do embate entre o que se organiza e o abismo que escancara sua boca diante do sujeito.

Se o tom deste livro se apresenta um pouco mais “universal” do que o do livro anterior (apesar da menção à “Telefunken 1984” que funciona como um marcador mais específico), isso soa como o amadurecimento de uma poética singular, no sentido em que Milena assume aqui para si uma voz incomum entre sua geração. Inclusive ao confessar sua recusa a “limpar dos/ sapatos a/ poeira antiga/ dos ídolos a/ ruir”. Deles, de sua queda em movimento suspenso, a bíblia ou os mistérios

gregos, mais do que a relação com a crença ou sua ausência, se recolhe uma intensa dimensão sacrificial. E um erotismo, em cuja lógica o corpo, “templo sem/ rito/ e sem fiéis”, oscila entre aceitar passivamente ou desejar ativamente ser dado em sacrifício.

A fome e a sede são imagens que atravessam praticamente todos os poemas do livro. De que fome e de que sede se trata aqui? Suas imagens se estruturam em duas amplas séries de substâncias, a do pão, do vinho ou da água; e a da carne e do sangue, diante das quais o sujeito se exercita na ocupação de lugares moventes. Em relação à fome, como que revisitando o paradoxo de Caim e Abel, onde o irmão preterido é, justamente, aquele que não realizou sacrifício animal, o sujeito adota uma perspectiva complexa, se apresentando ora como “caça” ou “banquete”, ora como imolador, ora ainda como “cordeiro/ com/ dentes de/ algoz”. Em uma dobra interessante, na sede, por outro lado, é possível entrever uma aliança com o outro, o animal, já não mais visto como presa ou predador: “corta o jardim um córrego que serpenteia/ onde as bestas vêm dividir comigo a sede”, ou “acabei de ser minha própria caravana de bichos pálidos passando sede”.

As trocas entre essas substâncias são diversas, ou seja, a perspectiva da transubstanciação, esse trânsito entre próprio e figurado, não deixa de operar no livro, porém isso ocorre segundo a lógica de um desvio, que põe em evidência a inoperância da transferência sacrificial tradicional, incapaz de aplacar essa sede e, sobretudo, essa fome.

Daí a proliferação das imagens do lambe e do mastigar, uma oralidade fartamente explorada, de bocas, dentes e línguas, que compõem algo da ordem do “quase”, palavra importante no livro, e que fala da incompletude dos processos e dos estados subjetivos. Entre dor e afirmação vital, o livro caminha, assim, em direção a uma espécie de “experiência interior”, onde a transgressão só vale enquanto lampejo provisório de resposta, pois o que seria dela se eventualmente se transformasse na fixa e sólida lei?









# Cara leitora, caro leitor

A **ABOIO** é um grupo editorial colaborativo.

Começamos em 2020 publicando literatura de forma digital, gratuita e acessível.

Até o momento, já passaram pelo nossos pastos mais de 400 autoras e autores, dos mais variados estilos e nacionalidades.

Para a gente, o canto é conjunto. É o aboiar que nos une e que serve de urdidura para todo nosso projeto editorial.

São as leitoras e os leitores engajados em ler narrativas ousadas que nos mantêm em atividade.

Nossa comunidade não só faz surgir livros como o que você acabou de ler, como também possibilita nos empenharmos em divulgar histórias únicas.

Portanto, te convidamos a fazer parte do nosso balaio!

Todas as apoiadoras e apoiadores das pré-vendas da **ABOIO**:

— têm o nome impresso nos agradecimentos  
de todas as cópias do livro;

— são convidadas a participarem do planejamento e da escolha das próximas publicações.

Fale com a gente pelo portal **aboio.com.br**, ou pelas redes sociais (**@aboioeditora**), seja para se tornar uma voz ativa na comunidade **ABOIO** ou somente para acompanhar nosso trabalho de perto!

Vem aboiar com a gente. Afinal: **o canto é conjunto.**





# Apoiadoras e apoiadores

**132 pessoas** apoiaram o nascimento deste livro. A elas, que acreditam no canto conjunto da **Aboio**, estendemos os nossos agradecimentos.

Adilma da Penha Vicente

Adriane Figueira

Alex Zani

Alexander Hochiminh

Allan Gomes de Lorena

Amanda Toledo

Ana Claudia Abrantes

André Balbo

André Pimenta Mota

Andreas Chamorro

Anna Clara de Vitto

Anna Faedrich Martins Lopez

Anna Lúcia

Anthony Almeida

Arthur Lungov

Bianca Monteiro Garcia

Caco Ishak

Caio Girão

Caio Narezzi

Calebe Guerra

Camila do Nascimento Leite

Camilo Gomide

Carla Guerson

Carolina Nogueira

Cecília Garcia

Cintia Brasileiro

Cleber da Silva Luz

Cristina Machado

Daniel Dago

Daniel Giotti

Daniel Guinezi

Daniel Leite

Daniela Rosolen

Danilo Brandao

Denise Lucena

Cavalcante

Dheyne de Souza

Diana de Hollanda

Cavalcanti

Eduardo Rosal

Fabio Di Pietro

Francesca Cricelli

Frederico da Cruz  
Vieira de Souza  
Gabo dos ivros  
Gabriel Cruz Lima  
Gabriel Farias Lima  
Gabriela Machado Scafuri  
Gael Rodrigues  
Gianna Lucciola Campolina  
Giselle Bohn  
Guilherme da Silva Braga  
Gustavo Bechtold  
Henrique Emanuel  
Jadson Rocha  
Jailton Moreira  
João Luís Nogueira  
Joca Reiners Terron  
Júlia Vita  
Juliana Costa Cunha  
Juliana Slatiner  
Juliane Carolina Livramento  
Junia Mendes  
Laura Redfern Navarro  
Leitor Albino  
Leonardo Pinto Silva  
Lolita Beretta  
Lorenzo Cavalcante  
Lucas Ferreira  
Lucas Lazzaretti  
Lucas Verzola  
Luciano Cavalcante Filho  
Luciano Dutra

Luis Felipe Abreu  
Luísa Machado  
Lureen Asei  
Manoela Machado Scafuri  
Marcela Roldão  
Marco Bardelli  
Marcos Vinícius Almeida  
Marcos Vitor Prado de Góes  
Maria Inez Frota Porto Queiroz  
Maria Lucia Martins Moura  
Mariana Donner  
Marina Lourenço  
Mateus Torres Penedo Naves  
Mauro Paz  
Menahem Wrona  
Milena Martins Moura  
Minska  
Natalia Timerman  
Natália Zuccala  
Natan Schäfer  
Natasha Pereira  
Otto Leopoldo Winck  
Paula Glenadel  
Paula Maria  
Paulo Scott  
Pedro Torreão  
Pedro Artur Lira Silva  
Pietro Augusto Gubel Portugal  
Priscila Branco  
Rafael Grigório  
Rafael Mussolini Silvestre

Rafael Santos  
Raphael Nery  
Rebeca Casal Leite  
Rodrigo Barreto de Menezes  
Salma Soria  
Samuel Santos Moura  
Sergio Mello  
Sérgio Porto  
Tatiana Pequeno da Silva  
Thainá Carvalho Costa Xavier  
Thaís Campolina Martins  
Thais Fernanda de Lorena  
Thassio Gonçalves Ferreira  
Valdir Marte  
Wesley Silva Ferreira  
Yvonne Miller







# Outros títulos

- 1 Anna Kuzminska, *Ossada Perpétua*
- 2 Paulo Scott, *Luz dos Monstros*
- 3 Lu Xun, *Ervas Daninhas*, trad. Calebe Guerra
- 4 Pedro Torreão, *Alalázô*
- 5 Yvonne Miller, *Deus Criou Primeiro um Tatu*
- 6 Sergio Mello, *Socos na Parede & outras peças*
- 7 Sigbjørn Obstfelder, *Noveletas*, trad. Guilherme da Silva Braga
- 8 Jens Peter Jacobsen, *Mogens*, trad. Guilherme da Silva Braga
- 9 Lolita Campani Beretta, *Caminhávamos pela beira*
- 10 Cecília Garcia, *Jiboia*
- 11 Eduardo Rosal, *O Sorriso do Erro*
- 12 Jailton Moreira, *Ilustrações*
- 13 Marcos Vinicius Almeida, *Pesadelo Tropical*
- 14 Milena Martins Moura, *O cordeiro e os pecados dividindo o pão*
- 15 Otto Leopoldo Winck, *Forte como a morte*
- 16 Hanne Ørstavik, *ti amo*, trad. Camilo Gomide
- 17 Jon Ståle Ritland, *Obrigado pela comida*, trad. Leonardo Pinto Silva
- 18 Cintia Brasileiro, *Na intimidade do silêncio*
- 19 Alberto Moravia, *Agostino*, trad. André Balbo
- 20 Juliana W. Slatiner, *Eu era uma e elas eram outras*
- 21 Jérôme Poloczek, *Aotubiografia*, trad. Natan Schäfer
- 22 Namdar Nasser, *Eu sou a sua voz no mundo*, trad. Fernanda Sarmatz Åkesson
- 23 Luis Felipe Abreu, *Mínimas Sílabas*
- 24 Hjalmar Söderberg, *Historietas*, trad. Guilherme da Silva Braga
- 25 André Balbo, *Sem os dentes da frente*
- 26 Anthony Almeida, *Um pé lá, outro cá*
- 27 Natan Schäfer, *Rébus*
- 28 Caio Girão, *Ninguém mexe comigo*







**ABOIO**

EDIÇÃO Leopoldo Cavalcante

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Luísa Machado

REVISÃO Marcela Roldão

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Retrato de Anna Margareta von Haugwitz, por  
Matthäus Merian the Younger

© Aboio, 2023

*O cordeiro e os pecados dividindo o pão* © Milena Martins Moura, 2023

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Eliane de Freitas Leite — Bibliotecária — CRB 8/8415

---

Moura, Milena Martins  
O cordeiro e os pecados dividindo o pão /  
Milena Martins Moura. -- São Paulo: Aboio, 2023.

ISBN 978-65-980578-7-9

1. Poesia brasileira I. Título.

23-172062

CDD-B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira

---

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à:

**ABOIO**

São Paulo — SP

(11) 91580-3133

[www.aboio.com.br](http://www.aboio.com.br)

[instagram.com/aboioeditora/](https://www.instagram.com/aboioeditora/)

[facebook.com/aboioeditora/](https://www.facebook.com/aboioeditora/)

Esta obra foi composta em Adobe Garamond Pro.  
O miolo está no papel Polén Natural 80g/m<sup>2</sup>.  
A tiragem desta edição foi de 300 exemplares pela Helograf.  
[Primeira edição, novembro de 2023]